

Aqui há futuro!

INSPIRA A MUDANÇA



entrevista

Conceição Monteiro

*"Éramos quase todos voluntários,
com uma vontade e uma garra de
implantar o partido no país inteiro."*

Índice

3. CREDIBILIZAR AS INSTITUIÇÕES

FERNANDO SANTOS

4. ÉTICA E INTEGRIDADE NA POLÍTICA

JOÃO ANNES

6. BRAGA, UM EXEMPLO A SEGUIR

ANA VIEIRA

8. ATÉ OS TOLOS SE FARTAM DE PAPAS E BOLOS

VICTOR VASQUES

10. ENTREVISTA

CONCEIÇÃO MONTEIRO

17. FUSÃO NUCLEAR: A ENERGIA DO FUTURO

DIOGO RIBEIRO

19. POR UMA SAÚDE COLABORATIVA E SUSTENTÁVEL

MÓNICA CORREIA

21. PELOS CAMINHOS DE...

BAIXA DE ALGÉS

23. O L(I)UXO DE UMA RIBEIRA

PEDRO FONSECA

24. COM O OLHAR PERDIDO NO HORIZONTE

PEDRO COSTA

24. CARTOON - O CONDE E O MARQUÊS

SENHOR PATINHOS

*"Se nos demitirmos da intervenção ativa, nunca
passaremos de desportistas de bancada, ou
melhor, de políticos de café."*

Francisco Sá Carneiro

editorial

Credibilizar as instituições

O compromisso
social-democrata



FERNANDO SANTOS
POLITÓLOGO

Dois mil e vinte e três começa exatamente como dois mil e vinte e dois havia acabado. Com um rol de polémicas, comportamentos eticamente reprováveis e demissões em catadupa no elenco governativo.

Desde o início do XXIII Governo Constitucional, há apenas nove meses, já se demitiram (ou foram demitidos) até ao fecho desta publicação, treze membros do Governo. Digo “à data” porque já se adivinha a décima quarta demissão, na figura da Ministra da Agricultura. E se duas destas saídas aconteceram por motivos de saúde, todas as outras resultaram de crassa incompetência política ou fortes suspeitas de ilícitos criminais.

À semelhança de outros momentos da história da nossa democracia, o Partido Socialista revela não ter a capacidade de estar ao comando do país nos momentos em que se exige uma maior competência e seriedade na governação e nos processos de tomada de decisão.

A seriedade e a ética na política, como iremos ver nesta edição, são elementos cruciais na construção da relação de confiança entre os vários *stakeholders* do sistema político, sem a qual nenhum regime democrático sobrevive.

Entretanto, assistimos à tentativa de criação de uma narrativa paralela e artificial, que aponta não para a falência do actual Governo, mas antes, para putativas fragilidades do maior partido da oposição.

Isto pelo simples facto de o PSD afirmar o óbvio: que cabe ao senhor Presidente da República a responsabilidade de avaliar se está assegurado o regular funcionamento das instituições, e ao Primeiro Ministro o bom-senso de perceber se reúne (ou não) condições de legitimidade política e autoridade moral para se manter em funções.


A haver uma nova crise política em Portugal, esta será sempre da exclusiva responsabilidade do PS e nunca do PSD!

Reconhecendo que há alguns aspectos a melhorar na estratégia que está a ser seguida pelo PSD, principalmente na área da comunicação, é fundamental que não hajam dúvidas: o Partido Social Democrata, quando for chamado a governar, estará (como sempre esteve) preparado para apresentar uma equipa competente e um programa eleitoral capaz de voltar a colocar Portugal na rota de convergência com a Europa.

O PSD, continuará determinado em honrar o compromisso assumido há quarenta e oito anos por Francisco Sá Carneiro e todos aqueles que presidiram à sua fundação.

Contribuir para o prestígio da República, para a credibilização das instituições democráticas, e trabalhar de forma séria e apaixonada na elaboração das reformas que Portugal tanto precisa para ultrapassar os constrangimentos estruturais que, diariamente, impactam negativamente a vida dos nossos concidadãos.

Só assim, e com o contributo de todos, conseguiremos ultrapassar os inúmeros desafios que se afiguram para o ano que agora começa.

Esta é a mensagem que temos que passar! Este o compromisso social-democrata! 

política

Ética e integridade na política

Uma questão de confiança



JOÃO ANNES
GESTOR

A ética e a integridade são valores fundamentais em qualquer área da vida, mas são particularmente importantes na política, já que os líderes políticos têm o poder de tomar decisões que afetam a vida de muitas pessoas.

É fundamental que os políticos sejam éticos, dado que são responsáveis por representar os interesses da população e tomar decisões justas e equilibradas. Também a integridade é crucial para garantir que um político age sempre em prol do bem-estar da população, e não em busca dos seus próprios interesses pessoais.

Infelizmente, a ética e a integridade nem sempre são prioridade para todos os políticos. Alguns podem ser tentados a agir de maneira

corrupta, seja por ganância, seja por pressão de grupos de interesse. Isso pode levar a decisões prejudiciais para a população e a uma perda de confiança nas instituições políticas.

É por isso muito revelador o estudo recentemente publicado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos (Ética e responsabilidade na Política) que revela que apenas 17% da população portuguesa confia nos partidos políticos, menos 7% que a média europeia, e apenas 41% estão satisfeitos com a Democracia, menos 22% que a média Europeia!

Não pode andar bem a democracia portuguesa, quando constatamos que “os dados do Eurobarómetro sobre as perceções e as atitudes políticas dos europeus têm revelado que, em todos os países da União Europeia, incluindo Portugal, os cidadãos têm perdido a confiança nas instituições políticas, sobretudo nos partidos. Os dados também parecem confirmar que uma maior perceção de corrupção está associada a menores níveis de confiança nas instituições políticas. “

Para garantir que a ética e a integridade sejam mantidas na política, é importante que existam medidas de transparência e responsabilização dos atores e instituições.

Para este efeito, importa implementar e/ou melhorar instrumentos como a divulgação de informações sobre as finanças e atividades dos políticos, seja em solo nacional como no estrangeiro (ex: PALOPS), bem como robustecer as leis e regulações que previnam a corrupção e garantam o acesso à informação pública. Além disso, é importante que haja um sistema de responsabilização para aqueles que violam os padrões éticos, para garantir que a justiça seja feita em tempo útil e para proteger a confiança da população nas instituições políticas.

Por tudo isto importa priorizar a implementação das medidas preconizadas na Estratégia Nacional de combate à corrupção 2020/2024, das quais destaco a implementação do regime geral de prevenção da corrupção, e do regime geral de proteção de denunciadores, que deveria constar dos planeamentos das instituições públicas e dos municípios, mas que tardamos em conhecer as evidências da sua implementação, sobretudo ao nível dos municípios.

Veja-se o caso da Câmara Municipal de Oeiras, relativamente à qual não é possível encontrar qualquer referência à implementação do Regime Geral de Prevenção da Corrupção (DL n.º 109-E/2021, de 9 de dezembro) nem tampouco à existência de um Canal de Denúncia interno nos termos da Lei n.º 93/2021, de 20 de dezembro.



Através deste canal, os trabalhadores e restantes stakeholders poderiam comunicar de forma segura e confidencial factos dos quais tiveram pessoalmente conhecimento e que do seu ponto de vista constituem uma violação grave das regras sobre as quais assentam os princípios da Ética, nomeadamente, o respeito pela legalidade, o respeito pelas pessoas e a luta contra a corrupção.

Como poderíamos afirmar que o Executivo da Câmara Municipal de Oeiras exerce as suas funções executivas com Ética e Integridade, quando nem se quer cuida de implementar as leis da República que visam esse desígnio?


Considerando exemplos como este, é oportuno destacar outro ponto muito interessante do estudo da Fundação FMS que é a revelação de uma dissonância entre o entendimento sobre a corrupção pela elite política, e os cidadãos. Enquanto para a elite política, a corrupção está sobretudo associada à desonestidade, para os cidadãos a corrupção está sobretudo associada à política e aos políticos.

Como podemos verificar, a ética e Integridade na política (ou falta delas) estão diretamente associadas à confiança nos políticos e nas instituições.

Importa por isso perceber quais são os valores democráticos que os portugueses mais valorizam nos cidadãos, deputados e eleitos locais, tendo o estudo identificado que a transparência, honestidade, legalidade e igualdade foram os valores democráticos que mais se destacaram.

O estudo conclui que “Os políticos tendem a avaliar as condutas éticas dentro de parâmetros estritamente legais e formais, ao passo que os cidadãos tendem a ter uma conceção mais abrangente e a considerar inaceitáveis várias práticas e condutas que os políticos veem como normais em política”.

Num país em que “A honestidade é valorizada pelos cidadãos como o princípio basilar que deve orientar a conduta dos titulares de cargos políticos nas instituições democráticas”, cabe a todos os agentes políticos avaliar as condições que têm para exercer as suas funções.

Mas sobretudo, cabe aos quadros que aspiram à política perceber o que os cidadãos esperam da sua conduta, até como uma oportunidade de enriquecer a sua carreira naquela que é a principal “moeda” na relação entre os cidadãos e a política: a Confiança. 

europa

Braga, um exemplo a seguir

Sabia que Braga é uma das três cidades finalistas a Capital Europeia da Democracia?



ANA VIEIRA
ENGENHEIRA DO AMBIENTE

A cidade de Braga figura como uma das três finalistas a Capital Europeia da Democracia, a par de Barcelona e Bruxelas. Uma distinção que terá o seu epílogo este mês, quando forem anunciados os resultados da votação levada a cabo por dez mil cidadãos de todos os estados membros do Conselho da Europa.

O objetivo da Capital Europeia da Democracia é estabelecer um espaço de colaboração que permita o envolvimento dos cidadãos no processo de construção Europeia, no qual possam experienciar, de forma directa, novas formas de democracia participativa e inclusiva,



CRÉDITOS: FOTOGRAFIA CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA

inspiradas num programa abrangente projetado para promover a democracia e construir ou reconstruir a confiança nos agentes políticos e nas instituições. Esta é uma iniciativa que pretende destacar a inovação democrática, promover a coesão, oportunidades de colaboração e participação da sociedade. A este propósito referiu Ricardo Rio, Presidente da Câmara Municipal de Braga:

“Este é mais um motivo de orgulho para Braga e para as suas instituições. Fazer parte desta lista restrita ao lado de duas das principais cidades europeias como são Barcelona e Bruxelas, é o claro reconhecimento do sucesso das nossas políticas de abertura do processo de decisão

democrática a toda a sociedade, de reforço da cidadania e de promoção de uma forte colaboração entre todos os agentes de desenvolvimento que têm sido cruciais para o sucesso de todas as políticas municipais”.

A integração da participação ativa dos cidadãos nos processos de decisão é um dos grandes desafios que os governos locais enfrentam hoje em dia. Os mecanismos participativos que se colocam à disposição das comunidades ajudam a garantir o acesso dos cidadãos à informação e a auscultar as suas ideias e sugestões, mas também constituem uma ferramenta muito importante de apoio aos processos de decisão estratégicos e de definição de políticas públicas.



22
Cidades concorrentes a
Capital Europeia da
Democracia, entre as quais
estiveram Cascais e Valongo

AVENIDA DA LIBERDADE NO CENTRO DE BRAGA. CRÉDITOS: AQUI HÁ FUTURO!



10.000
Cidadãos de todos os estados
membros são o júri do
Conselho da Europa

PORTA DE BRAGA, ICON DA CIDADE. CRÉDITOS: AQUI HÁ FUTURO!




PALÁCIO DO RAI NO CENTRO DE BRAGA. CRÉDITOS: AQUI HÁ FUTURO!

É inquestionável que a forma como os cidadãos se organizam em sociedade e se relacionam com o poder político mudou significativamente: querem estar informados com detalhe sobre os projetos e decisões políticas que os afetam, querem participar com ideias, querem ser uma parte ativa nos projetos municipais e, acima de tudo, querem ser envolvidos diretamente nas decisões.

Os programas apresentados por Braga, Barcelona e Bruxelas destacaram-se pela sua abordagem multifacetada à democracia, com projetos inovadores para a sociedade civil e capacidade comprovada para colaborar e inspirar boas práticas replicáveis para outros contextos societais.

A Capital Europeia da Democracia vai receber inúmeras atividades que vão atrair visitantes de toda a Europa para se juntarem e participarem em eventos colaborativos com o intuito de fortalecer a democracia.

A cidade vencedora será reconhecida internacionalmente como um centro de inovação e educação para a participação ativa da sociedade.

Recorde-se que em julho de 2022 eram 22 as cidades que concorriam para se tornarem a primeira Capital Europeia da Democracia, entre as quais estavam Cascais e Valongo. 

reflexão

Até os tolos se fartam de papas e bolos



VITOR VASQUES
CEO CO-UP | BUSINESS
ACTIVATION

Não é necessária grande maturidade ou experiência para saber que na vida raramente os problemas se resolvem milagrosamente, que “de repente algo acontece e tudo se resolve” nunca ou pouquíssima probabilidade tem de ocorrer e, antes pelo contrário, muitas vezes essa inércia/inépcia está mesmo na origem dos mais graves e complicados problemas.

Mas a uma determinada força não existe sempre outra contrária? A um positivo não se opõe um negativo? Não há sempre um Ying para um Yang? Sem dúvida que sim, mas sempre que um “acontecimento” *per si* provoca

mudanças trata-se habitualmente de um acidente, o qual, na maioria das vezes, não é bom. Ou seja, o paralelismo entre força e sua oposição num “acontecimento” não é o seu resultado ser negativo ou positivo, mas tão simplesmente o facto de “acontecer” ou não.

Sendo o “acontecimento” um acidente, algo que ocorre pelo inesperado ou inusitado, advém da impreparação, da falta ou omissão, seja por ignorância ou negligência. O seu oposto é o “não acontecimento”, ou inexistência de acidente, que resulta precisamente do bom e prévio cuidado, do rigor do planeamento, da preparação, do conhecimento, do saber fazer e querer fazer bem feito.

Portanto, se queremos mitigar a possibilidade de ocorrência de acidentes, deveremos ser preventivos, diligentes e tão inteligentes quanto possível nos nossos actos e acções, ou seja, e como dita a sabedoria popular, “não fiar na virgem e empurrar com a barriga” – ainda mais quando sabemos que basta tudo o que desconhecemos para que os acidentes teimem em ocorrer...

É humano seguir o caminho mais fácil e é mais fácil acreditar que os problemas se resolvem per si do que procurar resolve-los.



"ZÉ POVINHO" - UM DOS MAIS FAMOSOS DESENHOS DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO QUE REPRESENTA O POVO PORTUGUÊS

Nós Portugueses já tendemos exageradamente para acreditar em soluções milagrosas, tendo por isso sido vítimas ao longo da história do facilitismo e letargia intelectual a que nos autoinfligimos - entre o “nacional porreirismo”, o “isso passa, não vale a pena ralares-te” e o “é a vida” – que sustentam a nossa crónica incapacidade de ser preventivos, de planear, pensar e agir com inteligência, enfim, de nos governar!

Por isso é tão fácil a qualquer oportunista pouco escrupuloso governar-nos, iludindo com promessas, soluções milagrosas dos problemas, palavras ocas e ilusões o nosso crédulo povo e invariavelmente desiludindo, defraudando, prejudicando e não poucas vezes sacrificando ou agravando a nossa condição. Aos ataques dos mais eloquentes, estes “Des-governantes” defendem-se e justificam-se entre a trivialidade do mais fútil senso comum - “é mais complicado

do que parece”, “falar é fácil” e “a conjuntura” - e a mentira, colocando o ónus nos seus predecessores e valorizando as migalhas que nos lançam por oposição aos “outros” que, segundo apregoam, nem isso fariam.

De acordo com Carl Sagan, uma triste lição da história da humanidade é que quando somos enganados por muito tempo, é-nos mais fácil refutar qualquer prova dessa fraude do que admitir o engano. Significa que a fraude nos apanhou e a verdade torna-se tão dolorosa que preferimos rejeita-la. Uma vez permitido à fraude poder sobre nós e sobre as nossas vidas, quase nunca ou dificilmente o recuperamos. Temos de contrariar esta lição, perdemos mais de duas décadas de desenvolvimento, presos a sorrisos, migalhas e mentiras. Há espera de soluções milagrosas que nunca o foram, hipnotizados pela musica de uns quantos flautistas de Hamelin, junto dos quais de boa consciência nem por um minuto deixaríamos um filho ao cuidado, mas a quem confiamos a governação do nosso país, do legado dos nossos antepassados, da nossa vida presente e do futuro de todos os demais. Perdemos 20 Anos a viver numa fraude.

Devemos lembrar-nos que não há “Eles”, apenas “Nós” - quando apontamos para quem quer que seja, quatro dedos apontamos para nós - o desafio é, por isso, ganharmos consciência que apenas vivemos numa fraude porque deixámos - em 1974 mudámos




"TIO SAM" - SÍMBOLO QUE REPRESENTA O PATRIOTISMO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. CRÉDITOS: ILUSTRAÇÃO DE JAMES FLAGG, 1917

radicalmente e hoje, cada vez mais, necessitamos novamente de o fazer!

Urge definir uma nova ordem que nos liberte da ilusão letárgica e danosa, comodamente falsa, em que nos enclausuramos.

Cientes da fraude em que vivemos e da história da humanidade, temos o dever e obrigação de fazer acontecer as mudanças necessárias de forma positiva e construtiva, pois sendo sempre inevitável, acontecerá mesmo que descontroladamente, liderada pela fúria da injustiça e pela frustração, mergulhando-nos no caos. Apesar do resultado final ser o mesmo - uma nova ordem, uma sociedade melhor - o sofrimento para o atingir pelo descontrolo e sofrimento revelar-se-á demasiado penoso e traumático.

Por tudo isto e por todos nós, é que juntos e unidos na social-democracia que o PSD representa, podemos fazer acontecer, com serenidade e rigor as mudanças necessárias, desde logo começando por nós e depois progressivamente junto de todos os demais.

Só assim é justo edificar o Portugal que merecemos, que acreditamos ser mais e melhor para todos - orgulhoso do passado, resiliente no presente e próspero no futuro - agora é o momento! 

Conceição Monteiro

"Algo que aprendi com o Francisco, que é importantíssimo na vida e sobretudo na política, é a coerência. Tem que se ser coerente"





EDIFÍCIO NO LARGO DO RATO ONDE SE LOCALIZAVA A SEDE DO PSD

Numa entrevista contou que a sua primeira interação com o partido foi de balde e esfregona na mão. Sente que se perdeu um pouco esse voluntarismo?

Sem dúvida nenhuma. Trabalhávamos com paixão pelo nosso trabalho e as vinte e quatro horas pareciam curtas para tudo o que queríamos fazer. Hoje em dia a política é mais um emprego como outro qualquer. Nesse primeiro ano de implantação éramos quase todos voluntários, e todos com uma vontade, uma garra de implantar o partido no país inteiro. Foi um ano que rendeu ao PSD nas eleições de 1975 um resultado fantástico para um partido que tinha nascido depois do 25 de Abril e que não estava já enraizado, como estavam o Partido Socialista e o Partido Comunista, que já estavam a funcionar antes da revolução.

Perdeu-se essa paixão, essa adesão à política por causas maiores?

Sim, essa paixão foi-se perdendo, mas também depende muito dos dirigentes. A direção nacional é muito responsável pela mobilização ou desmobilização do partido.

Lembra-se do primeiro apelo para aderir ao PSD?

Quando se deu o 25 de Abril, houve uma entrevista na RTP ao Dr. Francisco Sá Carneiro, cuja fama eu já conhecia da ala liberal e dos escritos no Expresso. Eu pessoalmente não o conhecia, mas ouvi aquela entrevista e lembro-me de dizer lá em casa:

“Tudo o que este homem disse, é aquilo que eu quero para o meu país”.

E agarrei numa caneta e escrevi uma carta ao meu primo Francisco Balsemão a dizer: “Se o seu amigo Francisco Sá Carneiro um dia criar um partido, diga que tem uma prima que tem o dia todo livre e que está à disposição”. E um dia cheguei a casa e tinha um recado do Francisco Balsemão a dizer: “Olha, amanhã às 15:00 entregam-nos as chaves de um sítio para nos instalarmos no Largo do Rato, atrás da esquadra da polícia”. Lá fui!

Entrámos e demos com um pandemónio. Aquilo tinha sido um ginásio da Legião Portuguesa, de maneira que os nossos bravos revolucionários entraram por ali dentro e partiram tudo, até o telefone!

Quando vi aquela porcaria, fui a casa buscar a minha Antonieta, as esfregonas, o balde, os trapos e viemos limpar, porque era impossível fazer ali fosse o que fosse. E foi assim que eu comecei. Na altura o PSD fervilhava de boas vontades porque só havia voluntários, pessoas como o Pedro Temudo, o Marcelo... todos apareciam lá!

O Marcelo ainda hoje me chama avó, porque eu ralhava tanto com ele.

“Você é tão rabugenta, parece a minha avó, vou-lhe chamar avó”. E há 48 anos que o Marcelo me trata por avó.

Ele era muito reivindicativo?

Ele era divertidíssimo. Por que é que eu ralhava com ele?! Porque ele marcava vários eventos no mesmo dia.



CONCEIÇÃO MONTEIRO COM O ATUAL PRESIDENTE DO PSD LUÍS MONTENEGRO. CRÉDITOS: JORNAL I

O Partido Social Democrata é mais PPD, mais PSD ou é uma mescla de ambos?

Acho que é uma mescla, mas o Dr. Sá Carneiro dizia sempre:

“Somos social-democratas à portuguesa, adaptados àquilo que os portugueses são. E é muito importante conhecer bem os portugueses”

Nunca poderíamos implantar o mesmo sistema que há na Noruega, Suécia ou na Finlândia, porque nós somos latinos.

Era fácil trabalhar com Francisco Sá Carneiro?

Muito fácil, era um ótimo patrão. Eu dizia: “Tenho o melhor patrão do mundo”. E ele respondia: “Eu não sou seu patrão. Aqui somos todos militantes, somos todos social-democratas”.

Fomos muito, muito amigos, fez-nos muita falta, sobretudo ao país.

Que valores destacaria da personalidade de Sá Carneiro?

Era um bocadinho teimoso.

Era teimoso ou era determinado?

É isso, era determinado. Ele dizia assim: “Às vezes tenho razão um bocadinho antes de tempo...”. Nunca foi um homem que eu ouvisse levantar a voz. Podia ter a maior crise, sentir a maior mágoa, até porque foi muitas vezes traído dentro do próprio partido e nunca o vi levantar a voz. Algo que aprendi com o Francisco, que é importantíssimo na vida e sobretudo na política, é a coerência. Tem que se ser coerente.

Acha que ele teve o reconhecimento merecido?

Da parte do povo português, sem dúvida nenhuma. Da parte de muitas pessoas na

política, de todo, porque era uma figura muito controversa e muito incómoda. Ele incomodava muita gente.

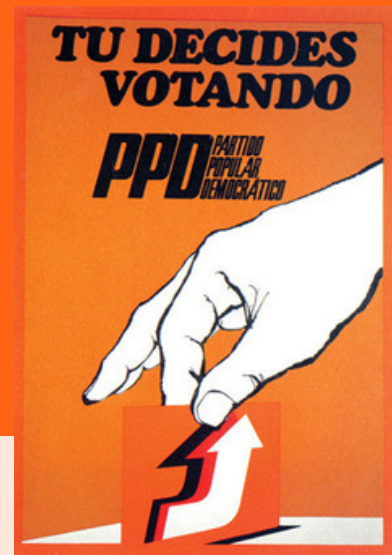
Nas últimas duas décadas Portugal tem vindo a afundar-se em praticamente todos os indicadores a nível europeu. Acredita que este retrocesso é fruto de uma menor qualidade dos políticos, ou trata-se de uma questão estrutural?

Aquilo que eu acho é que temos uma menor qualidade dos políticos. Se olharmos para as primeiras bancadas do PPD, a qualidade era uma coisa... Eram professores doutores, engenheiros, advogados, médicos, jornalistas... Essa gente estava toda sentada naquelas bancadas e vinham para a política já com a vida feita.

Hoje em dia, a maior parte dos que lá estão são um bocadinho carreiristas dentro dos próprios partidos e não conhecem a realidade dos problemas com que as pessoas se deparam no seu dia-a-dia.



INTERIOR DA SEDE DO PSD LOCALIZADA NO LARGO DO RATO. CRÉDITOS: PSD



CARTAZ DAS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS DE 1975
CRÉDITOS: REVISTA VISÃO

Em Leiria, no Sabugal, em Aveiro... Não dizia que não a ninguém e depois não conseguia ir a todo o lado. E depois quem ouvia era eu, que era a telefonista! Mas havia um entusiasmo muito grande. Fomos muito felizes naquele barracão e foi lá que nasceu o cor-de-laranja.

Pode-nos falar desse simbolismo? Do cor-de-laranja... das setas?

As setas tiveram uma grande influência do Pedro Roseta.

Eram o símbolo que os social-democratas utilizavam na Alemanha no combate ao Nazismo.

Do cor-de-laranja tenho muito orgulho porque fui eu que escolhi!

Era preciso fazer cartazes para anunciar as sessões de esclarecimento que andávamos a fazer por todo o país. Não havia dinheiro e cada um de nós pagava o que podia.

Um dos amigos do meu irmão tinha uma tipografia e eu telefonei-lhe e disse: “João, eras capaz de vir aqui ao Rato

trazer-me umas cartolinas de várias cores para eu escolher?” Ele lá apareceu e colou uma em cada espaldar com fita cola. Começámos a olhar e a pensar: vermelho nem pensar, preto são os anarquistas, castanho era a Mocidade Portuguesa, cor-de-rosa era o PS, o azul era dos monárquicos... Eu só olhava para o laranja e pensei: disto tudo o que salta à vista é o laranja. Então disse: “Olha, vai ser laranja, vais fazer os cartazes em laranja! E assim ficou!

O que sente quando o PSD, em algumas campanhas, não utiliza o cor-de-laranja?

Fico tristíssima, dói-me cá dentro de uma maneira que não se pode imaginar.

E o hino do Partido?

É lindo! Nas eleições de 1991, a nossa sede de campanha era em frente onde agora é o El Corte Inglés. Eu era candidata a deputada mas deram-me por missão estar a orientar as saídas das caravanas.

Um dia aparece uma senhora já de idade, com um ar muito modesto e uma nota de 20 escudos na mão. Pensei que era um donativo para o partido e ela diz-me assim:

“Minha senhora, eu não posso muito, mas trouxe aqui um dinheirinho para pedir se os meninos dos carros podiam passar todos os dias na minha rua. Isto é para pagar a gasolina porque a hora mais feliz do meu dia é ir à janela e dizer adeus àqueles meninos com as bandeiras e com a música”.

Eu nunca esqueci aquela senhora e dei ordens para que qualquer trajeto passasse naquela rua.



CRÉDITOS: DIÁRIO DE NOTÍCIAS



CRÉDITOS: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE/ARQUIVO DE MARIA JOÃO SANDE LEMOS

Como é que acha que Sá Carneiro reagiria num contexto como aquele que estamos a viver, de elevada instabilidade e polémicas no governo?

A reação de Sá Carneiro seria dizer as verdades todas e fazer como ele fez com a moção de confiança pedida por Mário Soares, que foi votar contra e dizer: “Vamos para eleições!”. Ele foi para o Congresso, voltou, fez a AD, explicou-a num Conselho Nacional brilhante, foi a eleições e ganhámos. Hoje não conseguimos ter conselhos nacionais como nós tínhamos. Começavam sexta à tarde, duravam sábado todo o dia, domingo todo o dia e muitos de nós nem íamos à cama! E ninguém perdia o direito à palavra nem tinha o tempo contado. Não, não, o Francisco queria era saber o que é que cada um pensava, porque cada um vinha da sua terra e cada um tinha o seu problema. Eu lembro-me que o comunicado final era esperado com ansiedade, porque era uma lição de política e de estratégia para o partido nos próximos 3 meses.

Acredita que há falta de debate político interno não só no PSD, mas também nos outros partidos?

Eu acho que sim. Está ali tudo muito como as viseiras dos cavalos. O caminho está sempre certo e não veem nada para os lados.

Acredita que essas divergências de opiniões eram salutarezes para que o partido permanentemente se reinventasse e fosse mais ambicioso, que fosse ao encontro daquilo que o povo queria?

Certamente que sim. Nas secções haviam também facções. Eu fui presidente da Secção F de Lisboa e tínhamos listas opositoras para os órgãos da secção. Aquilo era a sério!

No seu entender isso é positivo ou prejudicial?

É sempre positivo porque da discussão nasce a luz! Se o Francisco fosse vivo ele nunca teria falado no politicamente correto e na zona de conforto.

Zona de conforto nunca tivemos, e ele era um “inconfortável” porque estava sempre a querer mais e melhor.

O politicamente correto tem contribuído para degradar a qualidade da democracia?

Completamente. Então as pessoas estão a pensar numa coisa e estão a dizer outra? Às vezes vejo votações do meu partido e digo: “Meu Deus, como é possível votar a favor ou contra uma coisa destas? O Francisco deve estar a dar uma volta. Isto é uma falta de coerência do PSD...”.

Quem foi para si o melhor Primeiro-Ministro Portugal?

Para mim nem vale a pena perguntar, foi o Francisco Sá Carneiro, sem dúvida nenhuma!

E o pior?

O Sócrates. Deu cabo de nós!

Qual foi o mais incompreendido?

O mais incompreendido foi o Pedro Santana Lopes.



CRÉDITOS: DIÁRIO DE NOTÍCIAS



CONCEIÇÃO MONTEIRO E PEDRO SANTANA LOPES
CRÉDITOS: DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Continua a sentir tristeza com a saída de Pedro Santana Lopes do PSD?

É um desgosto, até choro. Pedi-lhe tanto para não sair...

Como é que vê Portugal em 2023?

Eu vejo 2023 com muita apreensão. A inflação está a ser uma coisa dramática para muita gente. Então quem tem filhos pequenos não tem ordenados que possam pagar 1500 por uma casa com 3 quartos de cama. O que vale é que há beliches! Todas as semanas as mesmas coisas aumentam. A vida está muito difícil.

Foi secretária de Sá Carneiro entre 1974 e 1980, chefe de gabinete do grupo parlamentar entre 1981 e 1983, e deputada à Assembleia da República/secretária do Professor Cavaco Silva entre 1987 e 1995. Fez tudo aquilo que queria na política ou gostaria de ter dado algo mais ao partido e ao país?

Eu gostava era de ter tido

mais para dar ao partido e ao país.

Como é que analisa o estado atual do PSD? Acha que estamos no caminho certo?

Eu acho que estamos no caminho certo, mas fico triste com algumas coisas. Não estamos a ser assertivos. As pessoas não estão a compreender porque é que a sua vida está a piorar em vez de melhorar. Há muita gente que já começa a ter saudades do antigamente.

Um discurso mais populista?

Um discurso mais verdadeiro. Não digo ser-se populista, mas as verdades têm que ser ditas.

Se pudesse dar, e com certeza que já o fez, que conselho daria ao actual presidente Luís Montenegro?

Daria um conselho para falar mais vezes naquilo que interessa verdadeiramente aos portugueses, que é o dia-a-dia de cada família. É a coisa mais

importante que há. Uma família influencia o prédio onde vive, influencia os amigos, influencia os pais dos meninos que andam na mesma escola. Só assim tomamos consciência das dificuldades reais e concretas das famílias, desde as mais endinheiradas até às mais miseráveis, àquelas a quem falta tudo.

Como olha para a abstenção e o crescente afastamento dos mais jovens em relação à política? Qual seria a sua receita para contrariar este cenário?

Isto está tão mau, que a única maneira, pelo menos durante uns anos, era que o voto fosse obrigatório. Talvez pudesse criar o hábito das pessoas votarem e de obrigar os jovens a pensar: “Já que tenho que ir, deixa cá ver em quem é que eu vou votar?”.

Esse afastamento dá-se por irresponsabilidade dos jovens, ou, pesando bem as palavras, de uma certa incompetência dos políticos que não os conseguem



CRÉDITOS: TSF



CONCEIÇÃO MONTEIRO EM JANEIRO DE 2023
CRÉDITOS: AQUI HÁ FUTURO!

cativar para a participação cívica e política?

Os jovens não se sentem atraídos para a política porque acham que não vale a pena. Eles acham que muda o partido do governo e as coisas continuam na mesma. Os jovens têm que perceberem que só eles e o voto deles é que podem obrigar os políticos a mudar.

Falta autenticidade, genuinidade e proximidade nos políticos?

Era isso que o Francisco tinha! Era curioso ver como ele era recebido nos cafés, restaurante... toda a gente queria falar com ele. E ele respondia a tudo e a todos. Tinha essa empatia com as pessoas. E agora, muitas vezes, os políticos dão muitos beijinhos, tiram muitas selfies, mas não fazem aquilo que eu acho que eles deviam fazer.

Isso é um recado ao Presidente da República?

O Marcelo, o meu neto, sabe bem aquilo que eu penso!

Quase cinco décadas depois, a política continua a ser dominada por homens. O que é que está a faltar para uma maior participação das mulheres na política ativa?

Uma maior facilidade em conjugar a vida política com a vida familiar. Enquanto estive na Assembleia, tive várias colegas mulheres e vi a sua angústia e aflição, porque se não eram de Lisboa, não tinham com quem deixar os filhos.

Esta edição da revista aborda a ética na política. O que é para si a ética na política?


A ética na política é para mim importantíssima, porque já o Francisco Sá Carneiro dizia que:

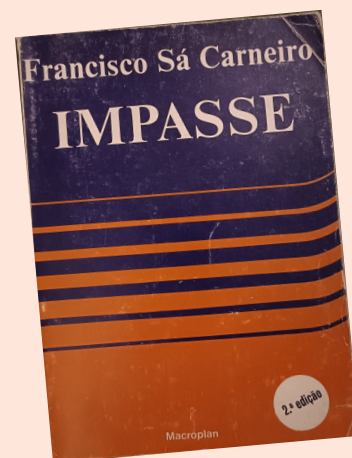
“A política sem risco é uma chatice, sem ética é uma vergonha”.

E realmente, a vida sem ética, seja na política, seja fora dela, é uma vergonha. E então quando é um político, quanto mais alto o cargo que ocupa, mais vergonhoso é!

A Conceição no início da nossa conversa falou-nos de um livro que leva para todo o lado e que é a sua Bíblia. Qual é? O “Impasse”.

Considera que é um bom repositório do pensamento de Sá Carneiro?

Muito bom! 



BÍBLIA DO PSD DE CONCEIÇÃO MONTEIRO: "IMPASSE", DE FRANCISCO SÁ CARNEIRO. CRÉDITOS: AQUI HÁ FUTURO!

inovação

Fusão nuclear: a energia do futuro



DIOGO RIBEIRO
DOCENTE UNIVERSITÁRIO

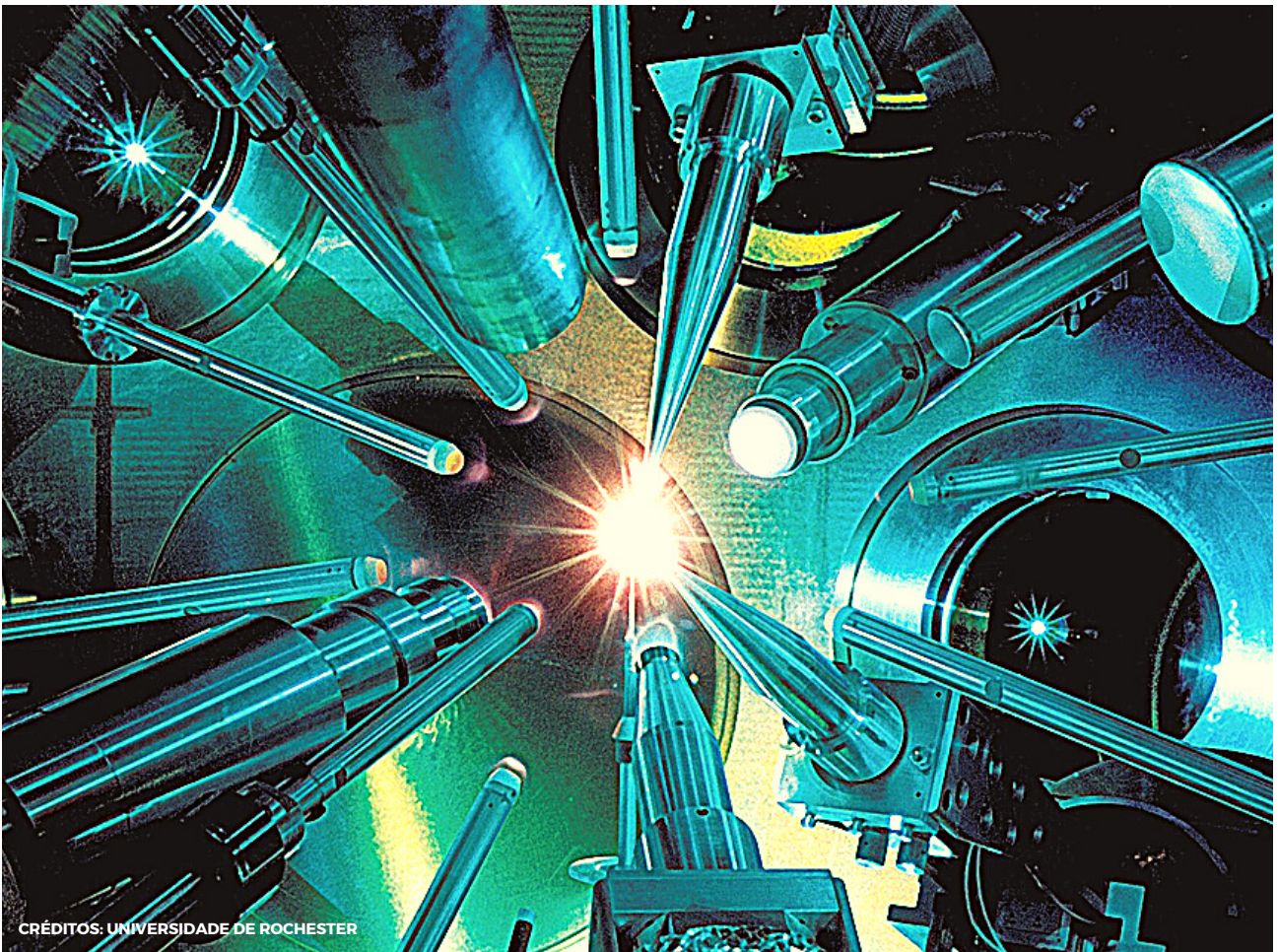
No passado dia 5 de Dezembro de 2022, realizou-se nos EUA uma experiência científica que consistiu em projetar lasers de enorme potência sobre uma porção minúscula de matéria contendo átomos de hidrogénio. Ao incidir sobre a matéria, os lasers elevaram a sua temperatura a milhões de graus centígrados, e comprimiram-na de tal forma que se desencadeou uma reação de fusão nuclear.

Por outras palavras, a matéria fundiu. Mas não fundiu da mesma forma que ferro fundido é derretido e, depois de arrefecido, continua a ser ferro. Não, a matéria fundiu a tal ponto que os núcleos dos átomos de hidrogénio se uniram para dar origem a novos elementos químicos,

nomeadamente hélio.

Este é o princípio da fusão nuclear, uma reação que ocorre nas estrelas, e que é a fonte de energia, nomeadamente, do nosso sol.

A natureza dos elementos químicos funciona de tal modo que os elementos mais leves (hidrogénio, hélio, etc.) libertam energia quando se fundem em elementos mais pesados. Contudo, no outro extremo da tabela periódica, temos elementos pesados (urânio, plutónio, etc.) que libertam energia quando os seus núcleos se desagregam em elementos mais leves. Estas duas possibilidades dão origem a duas formas fundamentalmente diferentes de produção de energia nuclear – a fusão e a fissão, respetivamente.



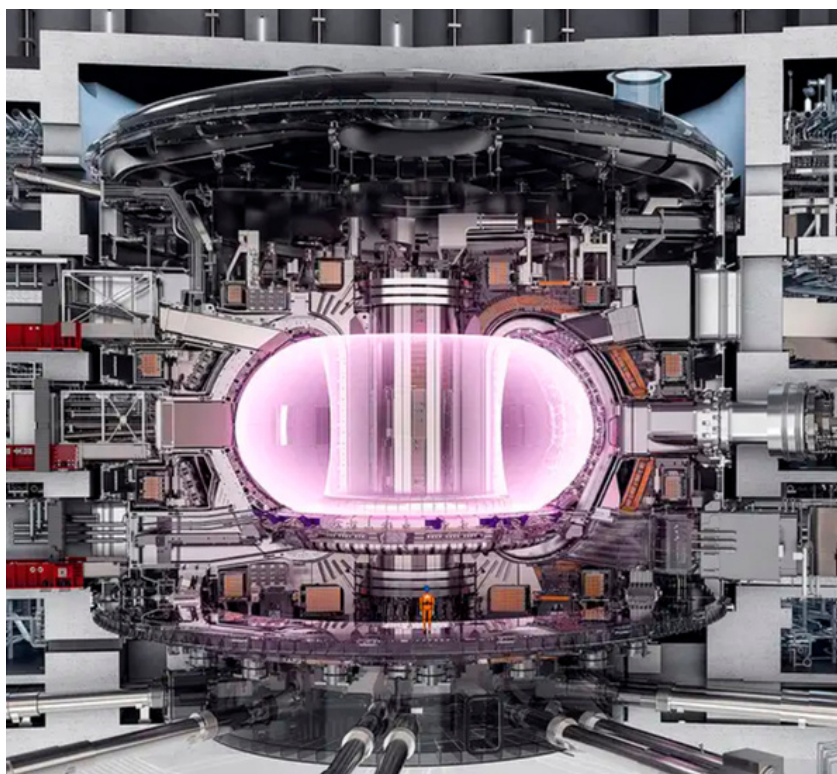
CRÉDITOS: UNIVERSIDADE DE ROCHESTER

AQUI HÁ FUTURO!

As centrais nucleares atuais, que têm causado polémica na sociedade desde há décadas, são baseadas no princípio de fissão, que utiliza elementos instáveis e radioativos, que se desagregam espontaneamente. Efetivamente, estes elementos podem representar um risco para a saúde pública e para o ambiente, se não forem tratados com as precauções adequadas. Hoje em dia, é possível operar uma central nuclear de forma segura, mas o tratamento de resíduos radioativos continua a ser um problema.

A fusão nuclear oferece uma alternativa mais limpa e, pelo facto de utilizar elementos leves que podem ser encontrados ou produzidos com relativa facilidade, pode ser vista como uma forma de energia praticamente inesgotável. Além disso, é muito eficiente, no sentido em que uma pequena quantidade de matéria pode gerar enormes quantidades de energia. Foi isso que aconteceu no dia 5 de Dezembro, quando se mediu uma produção de energia 1,5 vezes superior à energia despendida para provocar o processo de fusão.


Apesar deste sucesso, a fusão nuclear tem ainda um longo caminho a percorrer. Ao longo de mais de 50 anos, sucessivas gerações de cientistas têm trabalhado em diferentes abordagens para construir um reator de fusão nuclear. A solução parece ser mais difícil do que o esperado, porque o problema não é aquecer matéria a milhões de graus centígrados; o problema é manter essas condições durante o tempo necessário para a produção de energia.



O REATOR DE FUSÃO ITER. CRÉDITOS: ITER

No dia 5 de Dezembro, foi registada pela primeira vez uma produção de energia 1,5 vezes superior à energia despendida para provocar o processo de fusão.

Na experiência com lasers, tudo aconteceu numa fração de segundo, mas para a produção de energia com perspectivas de comercialização, os cientistas estão a desenvolver um conceito de máquina toroidal, onde a matéria circula a altas temperaturas, usando campos magnéticos para a conter e evitar que entre em contacto com outros materiais. Uma máquina com esta arquitetura está a ser construída no sul de França, no âmbito de uma colaboração internacional (ITER – International Thermonuclear Experimental Reactor). Neste contexto, os

resultados que têm vindo a ser anunciados, quer pelos EUA, quer pelo consórcio europeu EUROfusion onde Portugal participa, sustentam a convicção de que, num futuro não muito longínquo, poderemos vir a usufruir de uma fonte de energia que irá colocar a civilização humana num novo patamar de evolução, não só em termos da qualidade de vida no nosso planeta, como também nas possibilidades de exploração espacial que as novas capacidades energéticas irão oferecer. 

saúde

Por uma saúde colaborativa e sustentável



MÓNICA CORREIA
DOUTORANDA EM
COMUNICAÇÃO EM SAÚDE

As condições que envolvem o cidadão, sejam o ambiente físico, o acesso à educação, as condições de habitabilidade, o rendimento ou o emprego, são decisivas na forma como afetam a saúde e a qualidade de vida. A sua natureza determinística impacta, sobremaneira, a capacidade de o indivíduo atingir o seu potencial. São, por isso, chamados de Determinantes Sociais da Saúde (DSS), que a OMS define como “as condições ambientais em que as pessoas nascem, crescem, vivem, aprendem, trabalham e envelhecem”. Estas englobam um conjunto alargado de influências e de sistemas que moldam as condições de vida das pessoas, de forma mais ou

menos direta.

Sabemos hoje que os esforços feitos para obter melhorias nestes DSS, seja através de políticas de habitação, educativas ou outras, têm tal impacto na qualidade da saúde que, crê-se, terem contribuído mais para o aumento da esperança média de vida do que os avanços obtidos na medicina. Todavia, os sistemas nacionais de saúde continuam a ter uma enorme responsabilidade na mitigação das iniquidades em saúde necessitando, para tal, de serem funcionais e acessíveis.

As desigualdades em saúde são de tal forma decisivas que a sua mera existência é, por si só, um foco de injustiça.

O SNS tem dado provas da sua eficácia, e ainda que possamos pôr em causa a sua eficiência, as evidências apontam para uma melhoria geral da saúde dos portugueses, comprovada por indicadores como a esperança de vida à nascença, a taxa de mortalidade infantil ou a taxa de vacinação da população. Contudo, são também notórios os indicadores que apontam para uma persistente existência de iniquidades. Dados fornecidos pelo INE em 2019 indicam que 41 % dos portugueses com idade igual ou superior a 16 anos sofrem de pelo menos uma doença crónica, o que constitui um valor superior à média da UE-27, que é de 36 %.

Portugal era também, em



CRÉDITOS: AQUI HÁ FUTURO!

2019, um dos países da UE-27 em que a apreciação que a população fazia do seu estado de saúde era mais baixa, com apenas metade da população a considerar o seu estado de saúde como bom ou muito bom, bastante abaixo da média europeia, que era de 68,6%. Face a estes dados, e perante todas as insuficiências plasmadas nos noticiários diários, como podemos melhorar a saúde dos portugueses?

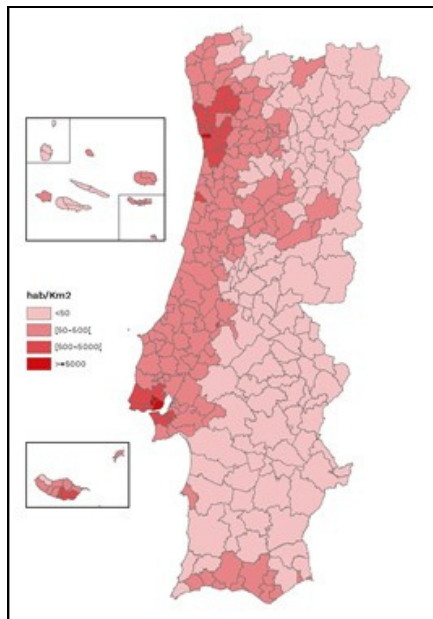
Para que haja progressos sustentáveis, o Plano Nacional de Saúde (DGS) sugere uma abordagem centrada não apenas na melhoria dos serviços e numa melhor utilização dos recursos, mas também no contributo dos cidadãos, colocando-os no centro do desenvolvimento de políticas públicas.

AQUI HÁ FUTURO!

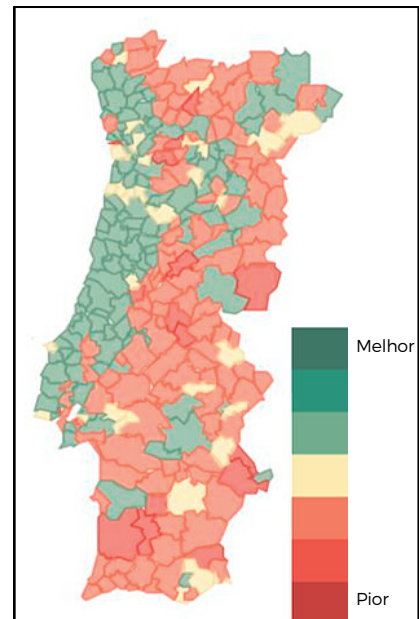
O cidadão, enquanto figura central do sistema deve poder participar nas decisões que lhe digam respeito e assumir o controlo sobre a sua saúde. Para tal tem de ser capacitado, cabendo ao Estado o papel de educador.

A educação para a saúde contribui para tomadas de decisão mais conscientes e para a adoção de comportamentos saudáveis, individual e coletivamente e, em última instância, para o exercício da cidadania em saúde.

Este é um processo que visa atuar diretamente na pessoa, influenciando-a e responsabilizando-a face às suas atitudes, crenças e valores. Entre a responsabilidade do indivíduo, ao nível comportamental, e a responsabilidade do Estado, ao nível das políticas públicas e da intervenção nos DSS, podemos desenvolver abordagens



DENSIDADE POPULACIONAL (HABITANTES/KM2) EM PORTUGAL POR MUNICÍPIO, 2019



DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO ÍNDICE DE SAÚDE DA POPULAÇÃO PARA OS MUNICÍPIOS DO CONTINENTE, 2011. FONTE: SANTANA P, ET AL, 2015

intermédias, centradas na promoção da saúde, cujos efeitos de longo prazo terão também reflexo ao nível da redução das iniquidades.

A literacia em saúde, que consiste nas condições que reúnem o conhecimento, a motivação e as competências que facilitam o acesso, a avaliação e o uso da informação com o fim de dar suporte às decisões em saúde, constitui um elemento determinante no sucesso de qualquer política de saúde.

Os seus impactos têm reflexos não apenas na compreensão dos elementos que afetam a saúde individual, mas também nos cuidados de saúde como um todo, por atuar como um facilitador na comunicação entre o cidadão, os profissionais de saúde e o sistema de saúde.

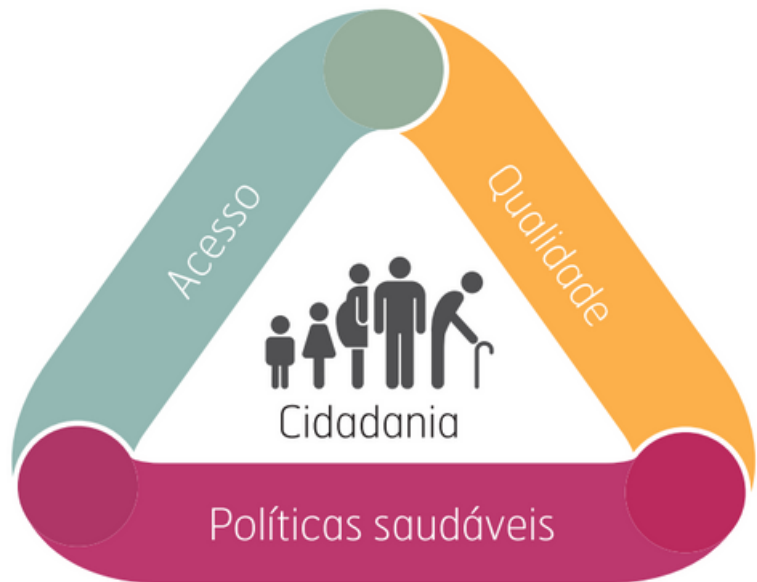
A baixa literacia em saúde está fortemente correlacionada com elevadas taxas de acesso a serviços de urgência, hospitalizações e re-hospitalizações, bem como a piores condições de saúde.

Esta associação é agravada por condições socioeconómicas adversas - comprovado por um abrangente estudo realizado às populações europeias (HLS-EU), o que evidencia a existência de um gradiente social na saúde.



CRÉDITOS: AQUI HÁ FUTURO!

A educação e a saúde estão inextricavelmente ligadas, pelo que promover o acesso à educação não é apenas um objetivo essencial para assegurar o desenvolvimento económico, social e humano, mas também uma política geradora de benefícios para a saúde.



EIXOS ESTRATÉGICOS DO PLANO NACIONAL DE SAÚDE NO SEU MODELO CONCEPTUAL: CIDADANIA EM SAÚDE; EQUIDADE E ACESSO AOS CUIDADOS DE SAÚDE; QUALIDADE DE SAÚDE, E; POLÍTICAS SAUDÁVEIS. CRÉDITOS: DGS

Uma vez que o nível de educação está fortemente relacionado com as circunstâncias estruturais e sociais que envolvem as pessoas, é fundamental a implementação de estratégias que visem o desenvolvimento de competências relacionadas com a literacia em saúde, pois estas contribuem para atenuar as assimetrias pré-existentes.

Estas intervenções, que podem ser desenvolvidas central ou localmente, encontram um espaço privilegiado nas escolas, nos centros de saúde ou nas farmácias, onde é possível identificar pessoas provenientes de ambientes socialmente desfavorecidos, com baixos níveis de educação ou lacunas ao nível da literacia em saúde, para que possam ser alvo de um acompanhamento que lhes permita melhorar a relação funcional com a sua saúde.

Uma abordagem colaborativa entre profissionais, ancorada numa visão partilhada dos cuidados de saúde, é a visão defendida pela OMS, através da constituição de equipas multidisciplinares, que capacitem e apoiem o cidadão ao longo do seu percurso de vida.

A organização destas equipas representa um modelo agregador de recursos existentes, que não gera apenas valor para a sociedade e para o sistema, mas funciona também como mitigador de ineficiências e iniquidades. i



CRÉDITOS: AQUI HÁ FUTURO!

pelos
caminhos de...

Baixa de Algés



RUA MAJOR AFONSO PALLA, EM ALGÉS, NO DIA 8 DE DEZEMBRO. CRÉDITOS: AQUI HÁ FUTURO!

Os dias 7 e 13 de Dezembro de 2022 ficaram marcados por fenómenos meteorológicos extremos, com recordes de precipitação que inundaram várias localidades do nosso país e da região de Lisboa, em particular.

A baixa de Algés foi um dos territórios mais afetados do concelho de Oeiras. Verificamos *in loco* a dimensão dos estragos junto da população e dos comerciantes. Ruas com água acima de 1,5 metro de altura, caves inundadas, viaturas danificadas, comerciantes com negócios destruídos. Pessoas com as vidas em suspenso.

Apesar deste tipo de fenómenos ser imprevisível, existe um consenso generalizado na comunidade científica que os mesmos serão cada vez mais frequentes e intensos.

Urge, portanto, que os decisores políticos, com especial destaque para a Câmara Municipal de Oeiras, encontrem a solução para esta zona de elevado risco de cheias, que todos os anos, com maior ou menor magnitude, sofre este tipo de intempéries.


Nunca é por demais recordar que as cheias podem ter como principais causas a precipitação abundante (que pode concentrar-se num curto período de tempo ou prolongar-se por um período relativamente longo), tais como: tempestades com origem no mar, acompanhadas de chuvas intensas e grandes ondas; por sismos, que têm o seu foco nos oceanos ou mares, e que podem provocar tsunamis; mas cada vez mais, devido à influência da ação humana.

Refira-se neste ponto a ocupação incessante dos leitos de cheia e da crescente impermeabilização dos solos, com consequências na diminuição das zonas de infiltração da água das chuvas.

Também a desflorestação e a destruição do nosso património natural, são causas evidentes da menor capacidade dos solos absorverem as águas das chuvas.

A falta de limpeza e a obstrução do leito dos rios e ribeiras são também alguns dos erros que se continuam a cometer nos territórios urbanos, em pleno século XXI.

O exemplo das cheias em Algés demonstra bem a incapacidade para a resolução de problemas estruturais que duram há várias décadas. É por isso urgente que Oeiras se adapte com as melhores práticas de planeamento, porque como dizia o arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Teles, a propósito das cheias de 1967:

"As inundações são em grande parte feitas da falta de planeamento, da inépcia, da ignorância e da incompetência." 

curtas

Com o olhar perdido no horizonte

"Aprecio quando eles se deixam fotografar com o olhar perdido no horizonte. Como se predestinados fossem. Como se estivessem a ter uma epifania. Sei lá... Fica-lhes bem. Um misto de Mao-Tse-Tung na fase em que não tomava banho, com uns "posios" de Maria Leal antes de fazer a barba. Até com uns laivos de Inês de Castro com as mãos postas no regaço, em fase contemplativa. Até com um "je ne sais quoi", que é francês. Sei lá... Gosto, gosto mesmo..."

Daria, até, para mandar fazer uma pagela para distribuir em época pascal, lá na terra. Daquelas que, lambidas por trás, as pagelas, claro, se podem colar nos "canhenhos" a fazer de conta que é um futebolista. Mais uma "insselência" que se escafedeu... Não se perde muito... para não dizer que não se perde nada. Já só faltam os outros 39... que andam amigalhados com o Ali Bá Bá... Foi ao fundo, sem a vã glória, a barcaça que se considerava um porta aviões."

Manuel Damas



cartoon

O Conde e o Marquês





RIBEIRA DE ALCÉS NO PARQUE URBANO DE MIRAFLORES. CRÉDITOS: FOTOGRAFIA MÁRIO FORJAZ SECCA

idades com futuro

O L(i)uxo de uma ribeira

As ribeiras são um ecossistema de vida e biodiversidade. É o local onde acontecem complexos ecológicos de grande importância para o meio ambiente.



PEDRO FONSECA
ARQUITETO/URBANISTA

Uma ribeira em espaço urbano, como é o caso da Ribeira de Alcés, merece uma atenção especial!

Trata-se de um percurso natural das águas de várias nascentes, mas também de um canal de escoamento das águas das chuvas que descem até este vale natural da orografia da cidade. Nasce na Amadora, curiosamente, junto à sede da Agência Portuguesa do Ambiente (APA), numa zona onde ainda existem algumas hortas urbanas. Algo raro por estas paragens! A ribeira (que recebe outras linhas de água) percorre o território a céu aberto em cerca de 3 km entre muros e paredes de traseiras de edifícios industriais. Sempre de costas voltadas para a cidade. Mas é no Parque Urbano de Miraflores que a ribeira ganha dignidade. Respira-se natureza - mas só até estar concluído um empreendimento de quase 1000 fogos que o executivo de Oeiras aprovou para este local. Há uma ponte que as famílias atravessam em passeios de fim de semana.

Ouve-se a água. Alguns patos selvagens fazem aqui a sua casa. Nem parece que estamos na cidade!

E assim, depois de serpentejar uma grande parte do território denso e urbanizado, a ribeira é encanada junto a um largo, percorrendo 2 km subterrâneos até à Foz do Rio Tejo.

Os moradores desta zona conhecem bem o fenómeno de transbordo das águas logo que começam as chuvas fortes.

A Câmara Municipal de Oeiras também.

A água alaga as ruas e os espaços comerciais. Provoca mortes e prejuízos avultados. Aconteceu durante o último mês de dezembro. E não foi só uma vez.

Mas afinal, de quem é a culpa destas cheias? Das alterações climáticas? Dos governantes que permitem as novas construções em leito de cheia? É que a duplicação do encanamento construído há 70 anos já teve várias promessas, mas até hoje, nada! 